

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN

9 e 20 de Junho de 2025

TWO MULES FOR SISTER SARA / 1970

OS ABUTRES TÊM FOME

um filme de DON SIEGEL

Realização: Don Siegel *Argumento:* Albert Maltz *a partir de uma história de* Budd Boetticher *Fotografia* (Technicolor, Panavision): Gabriel Figueroa *Montagem:* Robert Shugrue *Música Original:* Ennio Morricone *Som:* Jesus González Gancy *Direcção Artística:* José Rodríguez Granada *Cenografia:* Pablo Galván *Guarda-Roupa:* *Efeitos Especiais:* Frank Brendel *Interpretação:* Shirley McLaine (Sara), Clint Eastwood (Hogan), Manolo Fabregas (Beltran), Alberto Morin (Gen. LeClair), Armando Silvestre (1º Americano), John Kelly (2º Americano), Enrique Lucero (3º Americano), David Estuardo (Juan), Pancho Córdova (Pai de Juan), etc.

Produção: Universal, Malpaso, Sanen (Estados Unidos, México, 1970) *Produtor:* Carroll Case, Martin Rackin *Cópia:* DCP, cor, legendada electronicamente em português, 116 minutos *Estreia Mundial:* 17 de Fevereiro de 1970 *Estreia comercial em Portugal:* 1 de Fevereiro de 1971, no cinema Batalha (Porto) *Primeira apresentação na Cinemateca:* 27 de Janeiro de 2009 (“Clint Eastwood: Um Homem com passado”).

Em 1970 Shirley McLaine era uma estrela de primeira grandeza e Clint Eastwood uma vedeta em ascensão. Era dele o segundo nome no elenco de créditos de início. Os dois contracenam como personagens à altura uma da outra, taco a taco, sob a direcção de Don Siegel, no cenário mexicano onde as filmagens de TWO MULES FOR SISTER SARA decorreram “on location” durante alguns meses de 1969. Na filmografia de Eastwood, o rasto é ainda o do “Homem sem Nome” da trilogia de Sergio Leone, bem presente na caracterização da personagem de Hogan, mercenário americano no México, no cenário *western spaghetti* da acção e na banda musical de Morricone. Eastwood e McLaine guardam boas recordações mútuas do trabalho um com o outro, embora as filmagens tenham decorrido sob o signo da tensão entre McLaine e Siegel. Ao que parece, a determinação opinativa do temperamento da actriz não se ajustava ao modo de trabalhar de Siegel (e vice-versa). Para Eastwood, a rodagem do “filme mexicano” foi, por outro lado, o momento de descoberta do interesse da imprensa pela sua pessoa, descrito por Richard Schickel, na monografia *Clint Eastwood: a biography* (1997), como a revelação da construção da imagem do actor como celebridade.

Segundo a descrição, Clint não estaria preparado para o embate, o que terá valido alguns equívocos e dispensáveis consequências. Schickel cita a resposta (óbvia) dada por Eastwood a um jornalista que o inquiria acerca do eventual desconforto de interpretar um filme que não um *western* – “I’m an actor, you know, not a real cowboy” – como exemplo do modo como despachava rapidamente os jornalistas e conclui, “Talvez a questão não fosse assim tão relevante; a imprensa acabaria por dar à estampa um retrato de um Clint Eastwood mais retumbante. Mas talvez também não fosse menosprezável; esta sua imagem como um primitivo silencioso afectaria a recepção do seu trabalho nos anos seguintes”.

Pela altura de TWO MULES FOR SISTER SARA, as preocupações de Clint Eastwood andavam decerto longe de tais considerações. Recapitule-se: segundo dos seus cinco filmes realizados por Don Siegel, TWO MULES FOR SISTER SARA é, para Clint, novo regresso ao *western* e a oportunidade de uma variação do *cowboy* solitário leoniano antes da invenção do inspector de polícia Dirty Harry Callahan. Dois anos antes, em COOGAN’S BLUFF, Siegel fizera o *cowboy* de Eastwood aterrar em Nova Iorque numa missão policial. Prévio a THE BEGUILLED, DIRTY HARRY (1971) e ESCAPE FROM ALCATRAZ, que em 1979 conclui o elenco de filmes da dupla, TWO MULES FOR SISTER SARA é um interlúdio mexicano, mas também, ainda, uma extensão da carreira passada de Clint antes da entrada efectiva em cena da Malpaso enquanto espaço de manobra e autonomia. Por agora, a Malpaso, criada por Clint e efectivamente

uma das parceiras produtoras deste filme, não era ainda nem a estrutura nem o garante do papel que Clint se encarregaria de assumir muito pouco tempo depois da rodagem deste filme como produtor, realizador e actor cujo raio de acção encontra – e até hoje mantém – o seu epicentro na Malpaso.

A abertura de *TWO MULES FOR SISTER SARA* apresenta-o como um forasteiro solitário e *cool* que perante uma situação em que urge intervir e resolver se encarrega disso mesmo, despachada e eficazmente, usando o coldre e a dinamite para salvar uma jovem mulher das garras malfeitoras de três assanhados bandidos. Adornados por um chapéu de abas sobre e tez morena, poncho, cigarro ao canto da boca e barba por escanhoar, os traços da personagem de Hogan são “velhos conhecidos” de Clint, marca que a música de Morricone sublinha nessas sequências iniciais do filme de Siegel. O condimento leoniano junta-se a uma série de ingredientes hollywoodianos, como sejam, claro, a vedeta feminina e a história original de Boetticher (“Two Guns for Sister Sara”, chamava-se ela). Schickel refere como a concretização do projecto se deveu a Clint que, após o contacto com ele via Elizabeth Taylor, se interessou pelo filme que propôs a Siegel. O interesse de ambos terá assentado na ideia de uma linhagem com *AFRICAN QUEEN* (1951) e *HEAVEN KNOWS, MR. ALLISON* (1958) de John Huston, no contexto de *VERA CRUZ* (1954) de Robert Aldrich. Tal como foi trabalhado, *TWO MULES FOR SISTER SARA* alinha a presença lacónica do protagonista masculino e a ironia do seu estilo com a frescura do inusitado confronto com a protagonista feminina e constrói-se mais como comédia do que no terreno *western* do seu ambiente cénico.

A acção narrativa situa-se durante a intervenção militar francesa no México, tendo como móbil o propósito de assalto a um forte francês. O caminho do filme é o do percurso até lá a partir do momento em que se forma o improvável par do mercenário e da, para ele, jovem freira, quando ele a salva de uma violação iminente. Depois, “tropeçam” um no outro até ele aceitar escoltá-la como freira, cego pelo hábito religioso que ela enverga até à chegada ao bordel onde é prostituta e onde o negro das vestes dá lugar a um garrido vermelho. A mascarada dela só é convincentemente representada aos olhos dele, porque, das pestanas longas aos tragos de álcool ou às baforadas de fumo e ao calão da linguagem, a mais ninguém a “Irmã Sara” tenta convencer da justeza do negro hábito. O bizarro da situação da parilha de *TWO MULES FOR SISTER SARA* é o elemento que mais e melhor alimenta a intriga, recheada de uns quantos bons momentos. Brilhantemente servidos pelos acordes de Morricone, as paisagens naturais do México, a fotografia fulgurante de Gabriel Figueroa, a “química” entre os dois actores num encontro improvável, enquadramentos rigorosos sobre elementos luxuriantes, as cores a preceito de todas as referências naturalistas, cinematográficas, pictóricas ou Technicolor.

Entre os bons, óptimos, momentos do filme, talvez os melhor deles sejam um queimado a branco, como um reflexo luminoso, e outro marcado pelo vermelho do sangue: o da cena dos índios, da cruz reflectora com que Sara resolve astutamente a situação de perigo, e da seta que trespassa o ombro de Hogan. Numa longa sequência, inspiradamente interpretada por McClaine e Eastwood, Hogan prepara-se e instrui Sara para lhe extirpar a seta, o que ela faz com a mesma decisão que caracteriza a personagem dele. E há a cena final da banheira, tão *western* também ela, com McClaine a receber de braços abertos Eastwood vestido a rigor, do chapéu de abas às esporas das botas. Por essa altura, o primeiro beijo das personagens do mercenário e da não-freira já acontecera. O abraço desta cena fica basicamente fora de campo com a água a respingar para o chapéu entretanto lançado borda fora.

Desde quase o princípio, a moral da história deixava adivinhar que os dois acabariam juntos. Acabam, eles e as mulas do título, montados e com um carregamento de malas e laçarotes coloridos. Ele, como sempre, ela estonteantemente vestida de trajes vermelhos decotados, luvas pretas, chapéu rendado e plumas pretas, lábios bem vermelhos, sombrinha de renda preta a servir de pingalim. A insolência esfusante do último plano, um plano para dois (mais os animais, os caixotes coloridos e os laçarotes vistosos) já nada tem que ver com “O Homem sem Nome”. Se expressamente o convoca, *TWO MULES FOR SISTER SARA* deixa-o por terra pelo caminho.

Maria João Madeira